



UnB

Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional
Memorial Descritivo do Produto

Tailana Oliveira Galvão

Documentário: Por que poucos pretos no sertanejo?

Brasília

2023

Tailana Oliveira Galvão

Documentário: Por que poucos pretos no sertanejo?

Memorial Descritivo de Produto apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientador(a): Felipe da Silva Polydoro

Coorientador(a): Kelly Tatiane Martins Quirino

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Felipe da Silva Polydoro

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino

Examinadora: Prof^ª. Dra. Elen Cristina Geraldês

Examinadora: Prof^ª. Erika Bauer de Oliveira

Suplente: Naiara Gonçalves de Almeida

Brasília

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, minha mãe: Zenilda Oliveira Rosa e meu irmão: Isaac Oliveira Galvão, por serem minha fortaleza e minha motivação para continuar e ao meu pai: Manoel Messias Galvão Ribas, que sempre foi um pai presente e me forneceu apoio. Ele acompanhou de perto todas as etapas deste trabalho e inclusive deixou de trabalhar o dia inteiro para me levar às gravações, me ajudou a gravar e ainda complementou nas entrevistas.

Sou grata a família que escolhi a dedo nesses últimos anos em especial, Lucas Monteiro e Iandra Aguiar, que foram os primeiros que conheci e que me acolheram no primeiro dia de aula, se não fosse eles, estas palavras não estariam sendo digitadas agora. Também agradeço ao meu amigo Vinicius Pontes, que me incentivou, ficou ao meu lado e não permitiu que eu desistisse. E a minha amiga Brenda Menezes, que salvou meus dias visitando a minha casa aleatoriamente nos últimos meses.

Aos professores da Faculdade de Comunicação, em especial: Felipe Polydoro, que vibrou com o meu tema, me encorajou desde o início e me deu todo o suporte necessário para a realização do trabalho. A minha orientadora Kelly Quirino, pela paciência, disponibilidade e apoio do início ao fim desta etapa. A professora Elen Geraldês, jamais esquecerei a forma como ela olha com particularidade para cada um dos estudantes da FAC, quando precisei de ajuda fui abraçada por ela e saber que alguém se importava comigo me salvou. A professora Érika Bauer, que sou fã por toda a sua trajetória incrível e por ter sido eternizada na minha memória por ter aulas tão empolgantes. A professora Tatiana Lionço em especial por um exercício proposto em uma de suas aulas, que mudou toda a minha vida a partir dali: Elaborar algo que eu não tivesse domínio, me permitindo errar. Viver se tornou mais leve sabendo que o erro é uma dádiva.

Deixo aqui, registrado também a minha gratidão a Revista AzMina, que além de emprego, se tornou uma escola para mim. Graças às experiências com a equipe espetacular de audiovisual e de jornalismo, tive muita facilidade em escrever o roteiro e executar as gravações do documentário.

Minha gratidão ao famoso Lookat, meu amigo Lucas Sampaio, autor das gravações perfeitas e montagem do trabalho. Trabalhar com ele transformou o fim de semestre caótico numa experiência divertida.

Por fim, o agradecimento mais especial: ao meu gatinho Juca. Digitar este memorial foi muito mais fácil com ele deitado ao meu lado observando tudo.

“Ainda não tenho tudo o que eu quero mas tudo que eu tenho pretendo continuar dando o maior valor; e tudo que eu tiver de mais, eu quero mais é dividir com quem eu realmente achar que é merecedor.”

Flora Matos - Sonho Gangsta

RESUMO

Este memorial descreve a idealização, produção e realização do documentário “Por que poucos pretos no sertanejo?”. A obra tem o objetivo de trazer para a sociedade o debate racial acerca da hegemonia do gênero musical sertanejo e mostrar os caminhos que perpassam até o embranquecimento dos artistas que fazem sucesso. Para isso, foram feitas quatro entrevistas, sendo duas com cantores sertanejos, uma com um professor que pesquisa sobre a desigualdade de raça na música sertaneja e um cantor de rap, que foi peça chave da construção da narrativa do documentário, por meio da sua música “Por que poucos pretos no sertanejo?”.

Palavras-chave: Documentário, sertanejo, embranquecimento, raça.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Print Screen</i> : Marília Mendonça e Verso Sertanejo	20
Figura 2 - Matéria para o Correio Braziliense	21
Figura 3 - Capa Correio Braziliense	22
Figura 4 - Entrevista com Luank Dias	23
Figura 5 - Entrevista com Mauro Mota	24
Figura 6 - Entrevista com Mauro Mota	24
Figura 7 - Entrevista com Mauro Mota	25
Figura 8 - Entrevista com Hate RCT	27
Figura 9 - Entrevista com Marcos Queiroz	30
Figura 10 - Entrevista com Patrícia Meira	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma	14
Tabela 2 - Roteiro de gravação	15
Tabela 3 - Orçamento	16
Tabela 4 - Escopo da montagem	18
Tabela 5 - Alterações do documentário	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. PROBLEMA DA PESQUISA	10
2. JUSTIFICATIVA	10
3. OBJETIVOS	11
3.1 Objetivo geral	11
3.2 Objetivos específicos	11
4. REFERENCIAL TEÓRICO	11
4.1 A história do sertanejo	11
4.2 O embranquecimento	13
5. METODOLOGIA	14
5.1 Pré-produção	14
5.2 Produção	16
5.3 Pós-produção	16
5.3.1 Divulgação	19
5.4 Os personagens	21
5.4.1 Luank Dias	21
5.4.2 Mauro Mota	23
5.4.3 Enrique Amorim (Hate RCT)	25
5.4.4 Marcos Queiroz	29
5.4.5 Patrícia Meira	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICES	36
APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA ENRIQUE AMORIM (Hate RCT)	37
APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA LUANK DIAS	37
APÊNDICE C -PERGUNTAS PARA MAURO MOTA (Pai do Luank)	38
APÊNDICE D - PERGUNTAS PARA MARCOS QUEIROZ	39
APÊNDICE E - PERGUNTAS PARA PATRÍCIA MEIRA	39
APÊNDICE F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - ENRIQUE DE AMORIM (HATE RCT)	40
APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - MAURO MOTA E LUANK DIAS	42
APÊNDICE H - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - MARCOS QUEIROZ	43
APÊNDICE I - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - PATRÍCIA MEIRA	44

INTRODUÇÃO

O Brasil é reconhecido por ser rico em diversidade e pela característica típica alegre e festeira dos latino-americanos, onde a música é onipresente. A cultura daqui pode ser comparada a uma esponja pela capacidade de absorver referências de todos os países do mundo.

Anteriormente, a música caipira, precursora do sertanejo que se ouve atualmente, chegou ao país a partir do séc. XX, através dos caboclos, homens portugueses que trabalhavam nas fazendas e que trouxeram consigo a viola - peça fundamental do gênero - bem como o entretenimento de homens que estavam longe de suas famílias (ANTUNES, 2012). Há um século atrás, a música sertaneja se tornava um dos componentes de momentos de união, festa e nostalgia. Hoje, a tradição ainda é a mesma, mas com algumas diferenças.

Quando se fala de “modão”, aquele sertanejo raiz, a narrativa era diferente. Eram expressadas pelas particularidades da vida no campo, como a música *O Cio Da Terra*, uma composição de Milton Nascimento com Chico Buarque, mas que fez sucesso sendo interpretada pela dupla Pena Branca e Xavantinho. A composição visual dos artistas sertanejos antigos fazia jus à época e à região, botas e chapéus de couro eram essenciais para o personagem despojado da roça.

Nos anos 80, a introdução da guitarra elétrica é um dos pilares para a modernização da música brasileira, e modifica o sertanejo raiz para o sertanejo urbano.

Modernizar o passado é uma evolução musical, já analisava Chico. É isso que a geração dos 90 está fazendo. Fiquemos na guitarra, que dará o tom dessa lógica. Ela marcará o passo, por exemplo, no forrócore do Raimundos, nos *riffs* e solos do Chiclete e nos bits do *manguebeat*. Ela também conduz a transformação interna dentro do sertanejo. Assim, não só permitirá a inserção do estilo em fenômenos globais (os *lovesongs*; a melodicidade do rock da década de 80; o cantar gritado do pop 80/90), mas uma autorreinvenção permanente. (QUEIROZ, 2020)

Posteriormente, nos anos 2000, há outra transição no gênero para influenciar os jovens da época; o estilo visual e instrumental do sertanejo começou a tomar forma para o universitário, que do mesmo modo como a música caipira, veio para ser o entretenimento de jovens universitários que estavam longe de suas famílias. Duplas como João Bosco e Vinícius, e Jorge e Mateus, são exemplares do uso de roupas justas ao corpo, sapatênis e cabelos arrepiados em penteados bem elaborados com gel, que tiraram o chapéu de cena.

O que permaneceu foi a tradição das duplas, primeira e segunda voz seguiram, mas não por muito tempo. Em 2009 a música “Metoro”, tomada por um refrão chiclete, era interpretada por Luan Santana, um cantor de apenas 18 anos que foi o primeiro¹ da nova era do sertanejo a fazer um sucesso inigualável² subindo sozinho aos palcos e contando sobre um amor romântico ingênuo.

É interessante observar as características físicas e econômicas de Luan Santana. Um homem branco, alto, magro, de cabelo liso e de origem sul matogrossense. Os seus shows tinham ingressos esgotados por jovens e adolescentes acompanhados de seus pais. Além do destaque no mundo da música, Luan estampou capas de revistas famosas entre as jovens, como a *TodaTeen*, *Capricho* e *Atrevida*, e outras revistas renomadas daquele tempo, como a *Caras e Quem*. O ídolo do momento frequentemente era visto em campanhas publicitárias da televisão, desde cosméticos de beleza³ até artefatos para construção de imóveis⁴. A música levou o artista até a carreira de ator, onde chegou a atuar pela primeira vez em 2010⁵ na novela *Malhação* da Globo e mais tarde confirmando presença em mais 7 novelas da emissora.

Para explicar o fenômeno “Metoro” como era conhecido, é imprescindível lembrar que o fenótipo de Luan Santana influenciou para tantas aparições na mídia que a partir daí, os holofotes já não eram mais das pessoas negras que foram pioneiras desse tipo de música.

1. PROBLEMA DA PESQUISA

O pontapé inicial deste trabalho veio pela indagação “Por que há poucos pretos no sertanejo?”⁶ (2020), música de autoria do Hate RCT, artista local do Distrito Federal. Esta

¹ Disponível em <<http://ego.globo.com/sertanejo/noticia/2015/06/hora-e-vez-dos-artistas-solo-no-mercado-sertanejo.htm>>. Acesso em 26 ago. 2022.

² Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/depois-de-estourar-no-brasil-fenomeno-sertanejo-luan-santana-mira-o-mundo>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

³ Disponível em <<https://tnonline.uol.com.br/noticias/entretenimento/13,73618,13,02,cantor-luan-santana-vira-garoto-propaganda-de-sabonete?d=1>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=ispO3X3igj0>

⁵ Disponível em <<http://caras.uol.com.br/arquivo/luan-santana-participa-de-malhacao-id-globo-fuik-bernardo-novela.phtml>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

⁶ Disponível em <<https://open.spotify.com/track/54TlyYcESCtUTMIOvSdQ7o?si=4d626cdd4b4a4e52>> Acesso em: 22 set. 2022.

pergunta propõe refletir sobre qual o caminho para fazer sucesso na indústria musical, agradar as gravadoras e o público.

Sobre cantores negros no sertanejo, há exemplares como o João Paulo, da dupla João Paulo e Daniel, onde Daniel é um cantor branco e eles fizeram bastante sucesso nos anos 90. Assim também foi a trajetória do Rick, da dupla Rick e Renner, no anos 2000. Mas os poucos marcos dessa história implica uma procura de onde estão os negros que cantam solo o sertanejo que ouvimos hoje.

2. JUSTIFICATIVA

O processo para se reconhecer como uma pessoa racializada pode demorar e, até que aconteça, há um limbo: o sentimento de não pertencimento e não lugar. No Brasil, pessoas pretas vivem o embranquecimento em suas relações, vivências e culturas. Num país onde 55,8% da população é negra⁷, isto é, mais da metade, e tem o sertanejo como gênero musical mais ouvido, há de se questionar onde estão os artistas negros desse nicho e o que mantém essa hegemonia.

Pessoas negras crescem acostumadas com o gênero sendo onipresente em momentos de lazer como confraternizações familiares, bares, apresentações de TV, etc. O cantores brancos não cantam para os negros e nem fornecem uma figura de identificação, e, ao mesmo tempo, a música sertaneja ainda é hegemônica, principalmente nas periferias. Esse argumento sustenta a reflexão acerca do motivo pelo qual os pretos escutam sertanejo e não são os que cantam, mesmo que tenham sido eles que instauraram o gênero no país, como afirma o professor Marcos Queiroz, apaixonado por sertanejo e crítico da desigualdade racial de gênero em seu ensaio “Música sertaneja e o enigma racial brasileiro” (2021), “Se a música sertaneja foi marcada por artistas e expressividades negras e indígenas em momentos decisivos da sua história, tal experiência contrasta com a imagem pública do gênero hoje.” (QUEIROZ, 2021).

Na tentativa de me conectar com pessoas que me identifico, comecei a variar o gosto musical e, assim, me vi em mais estereotipização, onde só me sentiria negra se ouvisse música de negro, como o rap. A música do Hate, rapper local do Distrito Federal e autor da música tema deste trabalho, é uma forma de acolher pessoas pretas que passaram a vida ouvindo algo que não se identificam, não é ouvindo rap que eu seria mais negra, mas investigar a trajetória

⁷ Disponível em:

<<https://www.sindsaude.com.br/dieese-divulga-mapa-sobre-a-populacao-negra-e-o-mercado-de-trabalho/#:~:text=J%C3%A1%20o%20infogr%C3%A1fico%20A%20inser%C3%A7%C3%A3o,55%2C8%25%20dos%20brasil%20eiros>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

que se deu para um ritmo negro se tornar tão branco atualmente, é um caminho para se encontrar no limbo do não pertencimento.

Assim, surgiu a ideia de desenvolver um documentário para fomentar o debate na sociedade, a partir da perspectiva de pessoas negras, sobre a ausência de pessoas negras na música sertaneja. A desigualdade de raça no gênero musical sertanejo é um assunto pouco falado, e dos poucos resultados que existem para essa pesquisa, a maioria são narradas por pessoas brancas, o que torna o debate superficial. Sendo assim, todas as etapas deste trabalho foram executadas por pessoas negras.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Produzir um documentário com o objetivo de compreender os caminhos que levaram o gênero musical sertanejo ao embranquecimento, identificar se há a influência da indústria musical neste cenário e expor o debate para a sociedade.

3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste trabalho compreendem:

- a) Produzir um documentário, como uma ferramenta de impacto e reflexão de fácil linguagem para todo tipo de telespectador;
- b) Resgatar a existência dos cantores negros da cena sertaneja;
- c) Apontar a realidade desses cantores contemporâneos.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A história do sertanejo

O sertanejo é a modernização da música caipira, que antes era hostilizada por contar histórias dos homens que levavam vida simples no campo. No séc. XX, a música caipira era uma manifestação cultural que acolhia anseios das pessoas distantes de suas famílias (ANTUNES, 2012), o que ocorreu novamente com o sertanejo universitário nos anos 2000, como o próprio nome diz, estudantes que estavam longe de suas famílias em São Paulo.

Durante o processo de modernização e urbanização da música caipira e também do trabalho no campo, a história se cruza com uma espécie de gourmetização do sertanejo raiz e também um esboço do agronegócio no Brasil, área que, em sua maioria, conta com o com

apoio da extrema direita e que concentra o grande poder aquisitivo da supremacia branca. Tudo é comprado e comercializado, já o talento se torna apenas um detalhe, ou talvez, nem detalhe, já que o sertanejo em questão não passa de uma invenção capitalista, como diz o cantor Rolando Boldrin no livro *Palco Brasil*:

Música sertaneja não existe, foi inventada. Como o termo caipira tinha um significado pejorativo para muitos, então criou-se um novo termo. A música caipira é a música do caboclo, purinha, sem influência nenhuma. Essa música sertaneja de alto consumo eu não considero música brasileira porque é produto de importação. As duplas usam o rótulo sertanejo porque é muito popular: tiraram a denominação caipira, talvez, também, por causa daquele retrato do Jeca Tatu, aquela imagem de que caipira é analfabeto. (BOLDRIN, 2005. p. 129)

Por outro lado, é injusta e superficial a análise sobre a hegemonia do sertanejo, considerando unicamente o elitismo. Para Marcos Queiroz, autor do texto “Música sertaneja e o enigma racial brasileiro”, o sertanejo driblou o preconceito da música caipira e a sua modernização acompanha outros acontecimentos importantes da história brasileira. Além disso, o sertanejo é o resultado da descentralização de produções musicais, o que a evolução dos meios de comunicação proporcionou para a indústria musical.

Desde o início dos anos 80, três fenômenos conformam a formação brasileira. Primeiro, um dos maiores processos de desindustrialização nacional da história, acompanhado do incremento na capacidade de produção de produtos primários e de baixa intensidade tecnológica. Devir colônia do mundo, vitória do modelo agroexportador. Segundo, o projeto brutal de violência contra negros e pobres, calcado no extermínio nas periferias e no encarceramento em massa. Por fim, a nacionalização do gênero sertanejo como grande expressão da música popular brasileira, tornando-se estilo hegemônico do ponto de vista estético e financeiro. No plano econômico, social e cultural, essas três dinâmicas moldam o Brasil contemporâneo. Porém, costumeiramente são analisadas de forma isolada. Ao invés de constituírem uma paisagem compartilhada da mesma estrutura nacional, são vistas como pertencentes a Brasis distintos (QUEIROZ, 2021).

No século XX, tempos em que o sertanejo começava a caminhar, o único meio de veiculação da época era o rádio. Um pouco mais tarde, durante os anos 1970, quando a hegemonia da TV já estava consolidada, pode ter contribuído para delimitar espaços onde

peças negras não ocupam, mas, ainda antes disso, o sertanejo já era restrito nos canais de áudio:

[...] suas canções tocavam apenas em rádios AM, bem cedinho, na hora em que as pessoas se levantavam para trabalhar, ou ao cair da tarde, quando os ouvintes voltavam para casa. Seus apreciadores estavam restritos à gente simples, o espaço que tinham na mídia era mínimo e seu público estava localizado apenas em cidades do interior e na periferia das grandes cidades. (ANTUNES, 2012, p. 11).

4.2 O embranquecimento

O cantor e compositor Cristiano de Sousa, mesmo que seja um homem branco, é um dos poucos resultados encontrados que fala sobre a problemática da ausência de negros no sertanejo. Segundo ele, “nós temos uma cultura muito diferente dos americanos, enquanto nós temos a cultura da imagem, os americanos têm a cultura da qualidade”⁸.

Embora este ponto de vista exerça uma crítica que desdenha da capacidade dos brasileiros de apreciar conteúdos musicais de qualidade, nutrindo a narrativa de rivalidade entre culturas, inferiorizando a do Brasil, a análise sobre o método de termos costumes visuais é interessante.

A cultura da imagem brasileira, citada por Cristiano, é basicamente expor na vitrine o que é considerado bonito, uma decisão enviesadamente racista, já que o bonito em questão é branco. O que ocorre na indústria musical é uma réplica do que acontece no Brasil desde os tempos da escravidão, há uma preocupação excessiva em branquear a população.

A predominantemente racista orientação da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país. A assunção prevalecente, inspirando nossas leis de imigração, considerava a população brasileira como feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue negro-africano. (NASCIMENTO, 1978, p. 67)

O fato da televisão ter chegado à casa dos brasileiros e revolucionado os meios de comunicação para voltar a atenção para a imagem dos corpos nas mídias foi outra etapa do processo de embranquecimento. Segundo Marcos Queiroz (informação verbal)⁹:

⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=T4DRqdrELSw>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

⁹ Entrevista concedida por QUEIROZ, Marcos. [12.2022]. Entrevistadora: Tailana Galvão. Brasília, 2022. Arquivo .mp4 (08 min.).

O samba, quando vem a televisão é que começa a exigir mais a presença do cantor da música popular em espaços de áudio, que tem o áudio, mas também tem o visual, a gente nota embranquecimento, e especialmente um descolamento entre quem compõe o samba e quem interpreta.

O cantor e compositor Rick, da dupla Rick e Renner, conta uma situação ocorrida em um show da dupla João Paulo e Daniel, onde o cantor negro era o João Paulo (informação verbal)¹⁰

Na época não tinha muita imagem, né? Não divulgava tanto. E quando o João Paulo e Daniel chegaram [...] O cara (Contratante) falou (Para Hamilton Policastra, empresário da dupla na época): “Cara, você me ferrou. Se você tivesse me falado que tinha um negro na dupla eu não tinha comprado.”

A atitude racista do contratante prova que pode ser percebida na prática a teoria de Queiroz a respeito da predominância da imagem do artista nos meios de comunicação.

5. METODOLOGIA

5.1 Pré-produção

A pré-produção foi a etapa mais complexa do trabalho. Obter consistência na preparação do documentário facilitou as etapas seguintes. O primeiro passo foi definir os entrevistados, quatro pessoas negras, sendo o autor da música “Por que poucos pretos no sertanejo?” (2020), dois cantores de sertanejo: Luank Dias e Patrícia Meira. E um intelectual no tema: Marcos Queiroz.

O segundo passo foi entrar em contato com os entrevistados e marcar as entrevistas, para só então elaborar as perguntas que seriam feitas. O tempo foi curto, a pré-produção e pós-produção foram feitas em apenas um mês, por isso, foi invertida a ordem das prioridades.

Tabela 1 - Cronograma

AÇÃO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO
Leitura e Fichamento	X			

¹⁰ Entrevista concedida por SOLLO, Rick. [03.2021]. Entrevistador: André Piunti.

Pré-Produção		X		
Produção		X	X	
Pós-Produção			X	
Finalização			X	
Revisão			X	
Apresentação				X

Autoria própria (2022)

Para a captação de imagens, foi preciso a contratação de um *filmmaker*, por isso todas as gravações foram feitas no mesmo dia, para alinhar com a disponibilidade do *filmmaker* e dos entrevistados. O *filmmaker* é meu amigo, o Lucas Sampaio, nos conhecemos em 2020, e desde então sempre desejamos fazer algum trabalho artístico juntos, esse documentário foi a oportunidade.

Também foram precisos equipamentos de captação de áudio, que foram disponibilizados pelo Núcleo Técnico de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Além disso, foi necessário um meio de locomoção, pois fomos até os entrevistados. Contamos com a ajuda do meu pai, Manoel Galvão. Caso o meu pai não estivesse disponível, seria necessário recorrer ao transporte por aplicativo,

Tabela 2 - Roteiro de gravação

ROTEIRO DIA 20/12/2022		
Entrevistado	Horário	Local
Marcos Queiroz	09:00 - 10:00	UnB
Enrique (Hate)	11:00 - 12:00	Recanto das Emas
Luank Dias	14:00 - 15:00	Riacho Fundo I

Autoria própria (2022)

Tabela 3 - Orçamento

ORÇAMENTO	
DESPESA	VALOR
Transporte	85,00
Gravação	230,00
Montagem	150,00
Correções	150,00
Pilhas para gravador	40,00
Revisão do memorial	50,00

Autoria própria (2022)

5.2 Produção

As gravações foram feitas sem muito preparo de cenário e de forma espontânea. Nós chegamos e escolhemos rapidamente locais que ficavam bons na câmera. Cada entrevista durou entre 15 a 30 minutos.

Durante a gravação na casa do Luank, outro personagem surgiu, o pai do Luank, e as perguntas foram feitas de forma aleatória com base nas demandas do momento. O pai do cantor estava presente porque Luank é menor de idade, mas ele tinha muito a acrescentar no projeto.

Enquanto eu mediava as entrevistas, o Lucas ficava por conta da direção de imagem e gravação, mas precisávamos de um auxiliar para segurar o rebatedor de luz, um equipamento que ajuda na iluminação. O meu pai, que estava de motorista nessa missão, também se tornou auxiliar de iluminação.

Ainda na gravação da primeira entrevista, na Faculdade de Direito da UnB, com o professor Marcos Queiroz, percebi que a bateria do gravador estava acabando muito rápido, e isso se tornou uma preocupação. Foram necessárias duas cenas gravadas com o personagem, para a troca de pilhas do gravador. A Faculdade de Comunicação é em frente à FD, então

aproveitei para ir ao NTA para verificar se o funcionamento do gravador estava correto. O responsável pelo Núcleo Técnico de Audiovisual me orientou a comprar pilhas de qualidade superior, que durariam mais, e isso gerou mais custos financeiros e demanda de tempo, pois paramos para ir a um mercado.

Por uma falta de domínio com o gravador, os áudios de pessoas com uma tonalidade de voz mais suave ficaram mais baixos, refletindo em correções a serem feitas na hora da edição do vídeo.

5.3 Pós-produção

Após captar todas as imagens e áudios, o primeiro a ser feito foi guardar os arquivos em uma nuvem. Depois disso, utilizei o *PinPoint*, ferramenta de transcrever áudios do *Google*, para começar a fazer o roteiro da montagem do documentário.

Como a montagem do vídeo não foi feita por mim, eu tive que montar uma espécie de escopo, com todas as informações o mais detalhadas possíveis para o Lucas. O escopo foi feito em formato de tabela, em 10 páginas preenchidas com links de vídeos externos que precisavam ser baixados, informações de texto, e a minutagem exata de todos os vídeos a serem compilados. Após todo o escopo pronto, gravei áudios pelo celular para mediar a apresentação do documentário.

Tabela 4 - Modelo escopo de montagem

Roteiro Documentário: Porque poucos pretos no sertanejo?		
Áudio / Narração	Imagem	Informação
	https://www.youtube.com/watch?v=ePjtnSPFWK8 1:29 a 1:35 [Colocar transição como se estivesse sintonizando em canais]	Maior: Chitãozinho & Xororó - Evidências Menor: Reprodução / YouTube
	https://www.youtube.com/watch?v=hcm55IU9knw 0:01 a 0:05 [Colocar transição como se estivesse sintonizando em canais]	Maior: Michel Teló - Ai Se Eu Te Pego Menor: Reprodução / YouTube
	https://www.youtube.com/watch?v=glw0DR1Pd6w 1:44 a 1:55 [Colocar transição como se estivesse sintonizando em canais]	Maior: Gian & Giovani Menor: Reprodução / YouTube
	https://www.youtube.com/watch?v=MKY9bmNrSP0 1:18 a 1:25 [Colocar transição como se estivesse sintonizando em canais]	Maior: Luan Santana - Meteoro Menor: Reprodução / YouTube
	https://www.youtube.com/watch?v=eCyMh-mZ1B0 1:24 a 1:31 [Colocar transição como se estivesse sintonizando em canais]	Maior: Marília Mendonça - Infiel Menor: Reprodução / YouTube
O sertanejo se tornou onipresente na vida do brasileiro, é o gênero mais ouvido do país. Mas onde tudo isso começa?	Prints notícias sertanejo: https://drive.google.com/file/d/1caRfRnxv_iMy8QNg03v3izIW24uGQBJ-/view?usp=sharing	

Autoria própria (2022)

A montagem foi feita em dez dias e a primeira versão foi entregue com duas semanas de antecedência do prazo para a entrega final, com isso, foi possível fazer correções

minuciosas no vídeo. Após a entrega da primeira versão, assisti o trabalho cinco vezes e fiz anotações dos erros a serem corrigidos. O prazo para as correções foi de três dias.

Tabela 5 - Alterações do documentário

ALTERAÇÕES DOCUMENTÁRIO		
ADICIONAR	EXCLUIR	CORRIGIR
<p>⌚ 00:59 Adicionar nome do entrevistado: Maior: Edvan Antunes Menor: Reprodução / Revista ISTOÉ</p> <p>⌚ 01:17 Adicionar nome cantores: Maior: Tião Carreiro e Almir Sater Menor: Reprodução / Viola Minha Viola - TV Brasil</p> <p>⌚ 3:24 Adicionar nome cantores: Maior: Goiano e Paranaense - Trono Da Saudade Menor: Reprodução / Raízes do Campo - RecordTV</p> <p>⌚ 5:22 Adicionar nome cantores: Maior: João Paulo e Daniel - Hoje Eu Sei Menor: Reprodução / YouTube</p> <p>⌚ 11:15 Adicionar Menor: Reprodução / Redes Sociais</p>	<p>✗ Excluir: de 04:17 “Mas é o único” até 4:45 “só ter você por exemplo”</p> <p>✗ Excluir: de 5:39 “Até que o João Paulo” até 6:08 “Mas ele não conhecia”</p> <p>✗ Excluir: de 8:44 “É... só uma coisa que eu acho” até 8:52 “Cantores brancos”</p> <p>✗ Excluir: de 10:52 de “Comecei” até 11:04 “uma mulher preta”</p> <p>✗ Excluir: de 12:07 “e aí nós estávamos” até 12:13 “ele tinha 150 alunos”</p>	<p>⌚ 3:56 Correção ortográfica: Por Que Poucos Pretos No Sertanejo?</p> <p>⌚ 17:58 Aumentar áudio do Luank (só falando, manter áudio quando ele canta)</p>

Autoria própria (2022)

5.3.1 Divulgação

Com o trabalho pronto, os professores orientadores concordaram em colocar o documentário em circulação, por enquanto, o projeto está disponível apenas no drive, pelo link: <https://drive.google.com/drive/folders/10EjVpJjRpkjNTaSjkzHu37TRORac8GWb>. Para divulgar o projeto, extraí alguns trechos do vídeo e fiz uma pílula de 1 minuto, espécie de teaser da obra, para postar no Instagram e redirecionar para o documentário completo, no

YouTube. Entrei em contato com uma página bem conhecida do nicho, chamada Verso Sertanejo (@vsertanejoofc), que topou a parceria e a ideia é que a página exponha o conteúdo, após a apresentação de defesa.

A escolha dessa estratégia de divulgação se deu por motivos naturais: o perfil frequentemente viraliza os posts sobre memes do sertanejo, lançamentos de música, divulgação de trabalhos, e trechos de músicas.

A Verso Sertanejo tem mais de 200 mil seguidores no Instagram, e mais de 1 milhão de seguidores no *Twitter*. Cantores famosos como Luan Santana, Maiara e Maraisa seguem e interagem com o perfil. Em 2021, a cantora Marília Mendonça apelidou a página de “Versinho” no *Twitter*.



Figura 1 - Print Screen Marília Mendonça e Verso Sertanejo via *Twitter*

Além de notoriedade para o assunto, o post nas redes sociais da Verso Sertanejo trará engajamento para as contas dos cantores, que serão marcados no conteúdo.

5.4 *Os personagens*

Antes de selecionar os personagens, alguns critérios obrigatórios foram definidos, essas pessoas precisavam ser negras e ter alguma relação com o gênero musical sertanejo. O objetivo aqui era escurecer as ideias, ou seja, elaborar uma narrativa a partir do olhar somente de pessoas negras. Previamente, fiz pesquisas navegando nas redes sociais, com as palavras chaves: negros, sertanejo, racismo. Os tópicos a seguir apresentam brevemente a história de cada um como o sertanejo atravessa essa trajetória.

5.4.1 *Luank Dias*

O Luank foi o único personagem que eu já conhecia pessoalmente. Nos conhecemos em 2020, justamente o ano em que ele participava da 5ª edição do programa *The Voice Kids*. Eu trabalhava no Correio Braziliense como estagiária de fotografia, e a trabalho fui a sua casa e tiramos algumas fotos para uma matéria do jornal, que teve destaque na capa física. Nesse dia também conheci toda a sua família.



Brasília estreia na segunda fase do The voice kids

Publicado em 23/02/2020 | 08:48 Vinicius Nader Reality show

Figura 2 - *Print Screen* da matéria para o Correio Braziliense, Fotografia: Autoria própria (2020)

Ele foi a primeira pessoa que pensei em convidar para o trabalho e a primeira pessoa com quem entreei em contato. Como já nos conhecíamos, ele aceitou prontamente. Luank nasceu em Samambaia, Distrito Federal, e atualmente mora no Riacho Fundo 1, numa casa simples com a sua irmã mais nova, o pai e a mãe. Ele tem 16 anos e está no segundo ano do ensino médio, o tempo livre ele dedica para a música.

Quando cheguei em sua casa para gravar, ele estava ensaiando guitarra, com o auxílio de uma vídeoaula que assistia no YouTube, para captar essa naturalidade, pedi para posicionar o seu computador para a câmera.



Figura 4 - Frame onde é possível observar o detalhe do computador
Fotografia: Lucas (Lookat) Sampaio

A relação de Luank com a música começa bem cedo, ele diz que aos 4 anos de idade já tinha interesse por instrumentos musicais, e brincava com um cavaquinho. A sua memória mais recente sobre o primeiro contato com o gênero sertanejo foi aos 10 anos de idade, quando ouviu uma música do Zé Felipe, artista que se enquadra no sertanejo universitário. O jovem relatou que também despertou curiosidade pelos “modões” e também gostou de ouvir a música caipira.

5.4.2 Mauro Mota

Quando entreei em contato com Luank, também conversei com o seu pai, afinal, Luank é menor de idade e o pai é o seu empresário. A princípio, o pai de Luank iria só acompanhá-lo na entrevista, mas após a gravação com o cantor, comecei a bater um papo com Mauro e pedi para que o Lucas registrasse esse momento de uma forma mais amadora, caso precisássemos de outras imagens.

Enquanto eu conversava com o pai de Luank, o meu pai, que também estava presente, também participou das conversas e fez perguntas interessantes para Mauro, como “O que você faz para o seu filho subir ao palco com os cantores? Você já conhece a galera, conversa antes do show, ou tenta a sorte na hora mesmo?” Nesse momento, interrompi a conversa e falei que iria começar a gravar novamente, e o Lucas prontamente posicionou a câmera como fizemos em todas as entrevistas.



Figura 5 - Frame onde eu converso com Mauro. Fotografia: Lucas (Lookat) Sampaio



Figura 6 - Frame da conversa entre meu pai e Mauro. Fotografia: Lucas (Lookat) Sampaio



Figura 7 - Frame da entrevista com Mauro. Fotografia: Lucas (Lookat) Sampaio

Mauro Mota é de Januária - Minas Gerais, e chegou em Brasília em 2003, na época trabalhava como pedreiro, mas em 2015 começou a trabalhar como marceneiro. Inclusive, no dia da gravação, ele chegou um pouco atrasado porque estava trabalhando, mas não deixou de participar do momento.

Ele percebeu o talento do filho quando Luank tinha apenas um ano de idade, mas diz que não o forçou a nada, apenas apoiava as vontades de Luank, como brincar com instrumentos. Mauro gosta de frequentar shows de sertanejo e sempre teve Luank como companheiro. O pai relatou que recebia diversos julgamentos, por levar Luank ainda criança nas madrugadas para os shows, mas que não se inibia diante disso, pois estava certo de que a atitude fazia parte do sonho do filho.

Mauro mencionou as dificuldades financeiras neste processo e que tudo o que foi conquistado até aqui teve o apoio de amigos, que arcaram com custos de aula de violão para Luank, e também o presenteavam com instrumentos musicais.

5.4.3 Enrique Amorim (*Hate RCT*)

Eu já acompanhava o trabalho do Hate desde 2019, e pode se considerar que a ideia deste trabalho existe desde então, visto que tudo começou graças a sua música “Por que poucos pretos no sertanejo?”.

O Hate é um dos meus ídolos da cena local do Distrito Federal, por conta disso, utilizei uma música sua em outro trabalho meu, que postei na minha página de ilustrações do

Instagram, chamada Cane-TAI-papel (@canetaipapel), aqui está o link do post: <<https://www.instagram.com/p/CErdbjBFwM6/?igshid=YWJhMjJhZTc=>>

Acredito que o fato do Hate me conhecer pela página, facilitou o contato para o convite da entrevista para o documentário.

Além de cantor e compositor, o artista é produtor cultural e idealizador do projeto Batalha Sagrada, evento de batalha de rima no Recanto das Emas - Distrito Federal, onde foi nascido e criado e também reside até hoje. Hate teve os primeiros contatos com o Rap através da família e do esporte, a sua mãe era atleta de basquete e nos jogos geralmente há apresentações de MC's e em casa era comum ouvir *rappers* gringos. Inclusive, o nome artístico "Hate RCT" foi criado por que o termo em inglês "*hate*", que significa "ódio", é muito presente em letras de rap americano. Enrique justifica que o termo é uma palavra pequena e de fácil memorização. As letras RCT são a sigla da cidade natal, Recanto.

Mas o que o impulsionou a começar a cantar foram as dinâmicas na escola, principalmente das aulas de português, onde havia concursos de poesia. Sociologia e História também fazem parte desse repertório.

Ele nos recebeu em sua casa para a gravação e assim que chegamos lá, notei uma camiseta na parede que ilustra outra música de sua autoria, 'Gol Quadrado'. Acreditei que seria uma peça importante para aparecer nas imagens, mas o ambiente da casa era bem estreito, demoramos um pouco até encontrar uma forma de fazer com que a camiseta aparecesse no fundo do vídeo. Como mencionado anteriormente, não nos preocupamos muito com os cenários, eu apenas observava detalhes que podiam ser interessantes para aparecerem no documentário.



Figura 8 - Frame da entrevista com Hate, onde aparece a camiseta ao fundo
Fotografia: Lucas (Lookat) Sampaio

O rapper contou que não gosta de sertanejo, mas era inevitável ouvir, porque as músicas sempre tocam nas casas dos vizinhos, nos bares da região e nas festas da própria família. Ele disse que não gostava do gênero em si, mas admirava a postura de alguns artistas fora do palco, como Marília Mendonça, que revolucionou o gênero abrindo portas para que mulheres também fossem bem-vindas no *streaming*.

Enrique relatou que estava em um momento focado no debate racial quando compôs a música “Por que poucos pretos no sertanejo?”, e todas as músicas do álbum Tudo Pelos Preto (2019) giram em torno disso. A música tema deste documentário aborda outros tópicos, mas, segundo ele, o nome da faixa tinha o objetivo de fazer as pessoas se perguntarem sobre a desigualdade racial na música sertaneja.

Letra - Por Que Poucos Pretos No Sertanejo? - Hate RCT

Vim do recampton

Eu não perco tempo e escrevo

A arte salvou minha vida
Foi desde o começo

Se eu quiser derrubar hoje alguém eu derrubo
Minha rima é de mágica
O flow não é cubo

Meu verso trazendo luz
Como um iluminista

Dou valor na minha arte
Tipo um desenhista

Eu gosto de ser marcante como um romancista
Busco um 38 emprestado e mato um racista

Vou fazer dinheiro de verdade, abrir uma ONG
Passando de fase eu estou tipo Donkey Kong

Elas me chamam de Hate Aleatório
Eu tenho cadência Big Daddy e Notorious

Eu vou mudar de vida, ajudar a família e causar protesto
Vejo pretos passando fome, mexe com a mente, eu não fico quieto
Talvez não venda tanto, mas ser original, acho mais correto
Os manos se identificam postam no stories partes dos meus versos

Meus amigos gostam de sertanejo, eu me pergunto
Por que poucos pretos no sertanejo, no final de tudo?
O Rap merece essa visibilidade eu tenho certeza
Porque é muito estudo, a periferia precisa disso na cabeça

Vim do recampton
Eu não perco tempo e escrevo

A arte salvou minha vida
Foi desde o começo

Se eu quiser Derrubar
Hoje alguém eu derrubo
Minha rima é de mágica o flow não é cubo

Meu verso trazendo luz como um iluminista
Dou valor na minha arte tipo um desenhista
Eu gosto de ser marcante como um romancista
Busco um 38 emprestado e mato um racista

Mantenho a velocidade, velociraptor
Velocireceptores, eles me escutam

Me sinto um machine traptor
Os que nem sabem o que é ad-lib, são os que me julgam

5.4.4 Marcos Queiroz

Antes de começar oficialmente as pesquisas deste trabalho, conversei com uns amigos sobre o assunto para saber se mais alguém próximo a mim teve a percepção da ausência de cantores negros no gênero musical sertanejo. A partir disso, tive a ideia de pesquisar no Twitter, rede social que mais uso, para ver opiniões dos usuários sobre o assunto. Utilizando o mecanismo de pesquisa da rede social, digitei as palavras “Negros no sertanejo”, e rolando a *timeline*, encontrei uma *thread* (uma sequência de tuítes) sobre o assunto, do professor Marcos Queiroz. Imediatamente salvei o post e pesquisei mais sobre o autor, me surpreendi ao ver que o Marcos era de Brasília e, mais especificamente, da UnB. As gravações foram realizadas na UnB, na Faculdade de Direito, onde o professor dá aulas.



Figura 9 - Frame da entrevista com Marcos Queiroz, na Faculdade de Direito - UnB
Fotografia: Lucas (Lookat) Sampaio

Marcos é professor no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) na matéria Direito na Comunicação Social. É graduado, mestre e doutor na Faculdade de Direito da UnB. O brasiliense é filho de pais migrantes, do sertão piauiense e do sertão baiano. Para ele, as origens da família e a localidade do Centro-Oeste, onde nasceu e cresceu, contribuíram para o seu gosto pelo sertanejo.

Nascido na década de 80, época em que o sertanejo mais parecido com o que ouvimos hoje começou a se tornar popular no Brasil, ele menciona que a convivência com o pai e a irmã mais velha viciados no sertanejo da época naturalizou a proximidade com o gênero.

Quase que por via de regra, um negro, quando está num ambiente, começa a contar quantos negros tem em sua volta, e isso aconteceu com Marcos. Ele começou a se questionar onde estavam as pessoas negras dos espaços que ele ocupava, e assim percebeu o recorte de raça no sertanejo e começou a pesquisar sobre o assunto. Queiroz é autor do ensaio “Pobre moreno, que era grande, hoje é pequeno: Música sertaneja e o enigma racial brasileiro”¹¹, que expõe o desenvolvimento e modernização do Brasil em paralelo com a música sertaneja.

¹¹ Disponível em

<https://medium.com/zumbido/pobre-moreno-que-era-grande-hoje-%C3%A9-pequeno-f09d284f72ba#_edn2>
Acesso em: 11 dez. 2022.

5.4.5 Patrícia Meira

A entrevista com a Patrícia foi a única feita de forma online, uma vez que ela mora na Zona Leste de São Paulo. Nas minhas pesquisas, encontrei uma matéria, no site do Correio Braziliense, com o título “A voz negra na música sertaneja”, que me chamou atenção, mas o ápice do resultado foi ver que se tratava de uma mulher negra e gorda na cena.

Patrícia é cantora, compositora, escritora e produtora cultural, nasceu na Bahia e vive em São Paulo há 15 anos. Ela é uma mulher lésbica e os seus trabalhos musicais são voltados para pessoas da mesma orientação sexual e raça, uma raridade no sertanejo.



Figura 10 - Frame da entrevista com Patrícia Meira, via Teams

Patrícia tateou o sertanejo na infância através da música gospel, no tempo em que frequentava a igreja evangélica. Na opinião dela, o gospel não tem etiquetas de gênero, mas há músicas que apresentam similaridade com o sertanejo, e deu exemplos de artistas como a dupla Rayssa e Ravel, Cassiane, Lauriete e outros. Outra referência forte para Patrícia na música sertaneja é a cantora Marília Mendonça, que foi presente em seus momentos de sofrência e inspiração, e embora não seja feito um recorte racial, é indiscutível a discrepância de ouvir composições feitas a partir da perspectiva feminina sobre o amor romântico.

As produções da artista fazem mais alusão ao SLAM, movimento poesia falada. “Colorir todos nós” é um espetáculo intimista com violão, música sertaneja e poesia, e é o projeto mais recente de Patrícia Meira, igualmente voltado para o público lésbico e com

recorte racial. Ainda assim, a cantora faz produções independentes e lança suas músicas na internet, o primeiro *single* “Deus É Mais” (2020) foi gravado de forma amadora e com a ajuda de algumas amigas. Hoje, ela investe o próprio dinheiro em gravações profissionais no estúdio e nas gravações de clipes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de conexões que a comunicação me proporcionou há quatro anos, é como se essa temática já estivesse sendo elaborada desde 2019, quando ouvi a música do Hate, ou ainda mais cedo, quando entrei na Universidade de Brasília e em poucos meses me descobri uma mulher negra. Antes que eu lesse em qualquer livro, aprendi na prática que o embranquecimento existe por toda parte.

Na busca incessante pela resposta da pergunta “Por que poucos pretos no sertanejo?”, descobri que o questionamento correto seria: “Por que brancos fazem mais sucesso no sertanejo?”, pois não existem poucos pretos no sertanejo, na verdade, são poucos os que têm reconhecimento do público e da indústria musical. Isso porque o Brasil infelizmente ainda é um país racista e a desigualdade racial nesse gênero musical são uns dos respingos do racismo estrutural na cultura.

Luank Dias é um bom exemplo do que cantores negros que querem seguir carreira no sertanejo podem passar. O jovem vem de família pobre, sem recursos para investir no talento. A desigualdade social, em recorte de raça, também é uma das vertentes que dificultam a presença de negros no *streaming* sertanejo, uma vez que, segundo o IBGE¹², de 13,5 milhões de pessoas que vivem na extrema pobreza, 10 milhões são pretas ou pardas. Sem dúvida, a falta de dinheiro para elaborar gravações profissionais e contratar equipe de comunicação para divulgação dos projetos para alcançar um público maior é um obstáculo que pessoas brancas de classe média não enfrentam.

Por outro lado, durante as pesquisas para resgatar os artistas negros que estão nessa cena, mesmo que seja incomparável ao números de cantores brancos que fazem sucesso, encontrei cantores do sertanejo atual espalhados por aí, como Kleo Dibah, Thacio, da dupla Lucas Reis e Thacio, André Lus, um número bem superior para quem acha que os únicos negros no sertanejo têm sido o João Paulo, da dupla João Paulo e Daniel, e o Rick, da dupla

¹² Disponível em

<<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/11/13/ibge-dos-135-milhoes-vivendo-em-extrema-pobreza-75percent-sao-pretos-ou-pardos.ghtml>>. Acesso em: 08 set. 2022.

Rick e Renner. Além do mais, muito antes do sertanejo se tornar hegemônico no Brasil, ele era tocado majoritariamente por pessoas negras. Com toda certeza, o processo de elaborar este trabalho e o resultado em si materializam uma tentativa de reconquistar um gênero musical que é do povo negro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ieda de. **Rolando Boldrin: Palco Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.

ANTUNES, Edvan. **De caipira a universitário**. São Paulo: Matrix, 2012.

BARRETO, Elis. **Mortes de negros em ações policiais no Brasil são 2,8 vezes maior que de brancos**. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-acoes-policias-brasil-vezes-maiores-brancos/>>. Acesso em: 08 set. 2022.

BÔAS, Bruno Villas. **IBGE: dos 13,5 milhões vivendo em extrema pobreza, 75% são pretos ou pardos**. Valor Globo, 2019. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/11/13/ibge-dos-135-milhoes-vivendo-em-extrema-pobreza-75percent-sao-pretos-ou-pardos.ghtml>>. Acesso em: 08 set. 2022.

Cantor Luan Santana vira garoto-propaganda de sabonete. UOL, 2011. Disponível em: <<https://tnonline.uol.com.br/noticias/entretenimento/13,73618,13,02,cantor-luan-santana-vira-garoto-propaganda-de-sabonete?d=1>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

Luan Santana participa de ‘Malhação ID’. CARAS, 2010. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/arquivo/luan-santana-participa-de-malhacao-id-globo-fuik-bernardo-novela.phtml>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MAIA, Maria Carolina. **Depois de estourar no Brasil, fenômeno sertanejo Luan Santana mira o mundo**. VEJA, 2010. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/depois-de-estourar-no-brasil-fenomeno-sertanejo-luan-santana-mira-o-mundo/>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 1978.

NEVES, Marília. **A hora e a vez dos artistas solo no mercado sertanejo**. EGO, 2015. Disponível em: <<http://ego.globo.com/sertanejo/noticia/2015/06/hora-e-vez-dos-artistas-solo-no-mercado-sertanejo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

QUEIROZ, Marcos. **Pobre moreno, que era grande, hoje é pequeno:** Música sertaneja e o enigma racial brasileiro. Disponível em <https://medium.com/zumbido/pobre-moreno-que-era-grande-hoje-%C3%A9-pequeno-f09d284f72ba#_edn2>. Acesso em: 11 dez. 2022.

QUEIROZ, Marcos. **Modernizar o passado é uma evolução musical, já analisava Chico. É isso que a geração dos 90 está fazendo. Fiquemos na guitarra, que dará o tom dessa lógica. Ela marcará o passo, por exemplo, no forrócore do Raimundos, nos riffs e solos do Chiclete e nos bits do manguebeat.** Brasília, 11 ago. 2020: @marcosvlqueiroz. Disponível em: <<https://twitter.com/marcosvlqueiroz/status/1293185332821684228>>. Acesso em: 07 dez. 2022

RCT, Hate. **Porque poucos pretos no sertanejo?** Brasília. OG L, Santzu e EmiKá: 2019. (2:17).

SANTANA, Luan. **O amor coloriu.** YouTube, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ispO3X3igj0>> Acesso em: 26 ago. 2022.

Spotify: **Lista de mais ouvidos de 2021 é dominada por sertanejos.** G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/12/01/sertanejo-domina-lista-de-mais-ouvidos-do-spotify-em-2021.ghtml>> Acesso em: 25 ago. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PERGUNTAS PARA ENRIQUE AMORIM (Hate RCT)

01) Suas composições dão a entender que você vem de uma família pobre e você cita muito a ‘quebrada’ de onde mora, falando das dificuldades que infelizmente existem nesse cenário. Hoje você é um cantor e compositor de RAP com destaque aqui no Distrito Federal. Onde começa a sua relação com a música? Ela sempre foi através do RAP?

02) De onde vem a inspiração para o seu nome artístico?

03) Quais são os gêneros musicais que você mais gosta de ouvir?

04) Na sua música ‘Porque poucos pretos no sertanejo?’ Você se questiona sobre a desigualdade de raça no sertanejo e aponta que os seus amigos gostam do ritmo. O que você acha que faz os seus amigos gostarem de sertanejo? Você escuta sertanejo? Se não, por quê?

05) Aconteceu alguma situação específica para você falar sobre isso na música? Como foi o processo de composição da letra?

06) A música é faixa do álbum ‘Tudo Pelos Preto’, lançado em 2019. A composição é do mesmo ano? Em que momento da sua vida você se encontrava para lançar um EP de título tão complexo?

07) 3 anos depois do lançamento, você encontrou resposta para a sua indagação?

08) Você pretende seguir na carreira musical? Qual o seu maior sonho?

APÊNDICE B - PERGUNTAS PARA LUANK DIAS

01) Você participou do The Voice Kids em que ano? Até onde você foi, quem foi o seu técnico, o que você aprendeu lá?

02) Sua paixão é o sertanejo desde muito novo. Quando começa e como é a sua relação com esse gênero musical?

03) Você é muito fã do cantor Gustavo Lima. O que te faz se identificar com ele?

04) Além do Gustavo, quais são as suas referências do sertanejo?

05) O sertanejo atual tem características diferentes do sertanejo raiz e uma delas é o visual dos cantores. Você precisou se adaptar ao gênero nesse quesito de alguma forma?

06) Como são as suas produções, de gravar a música, divulgar? Você ganha dinheiro com isso?

07) Como é se inserir num meio predominantemente branco? Quais foram as dificuldades que você passou nessa trajetória?

08) Você já tinha uma noção desse recorte de raça no sertanejo? Como foi perceber isso?

09) Você pretende seguir na carreira musical? Qual o seu maior sonho?

10) O que você falaria para os jovens negros que curtem sertanejo e que sonham ser cantores?

APÊNDICE C -PERGUNTAS PARA MAURO MOTA (Pai do Luank)

01) Quando você percebeu o talento do Luank?

02) O que você faz para que o Luank consiga cantar com cantores famosos nos shows? E quais são as dificuldades disso?

03) De quem foi o primeiro passo para entrar no mundo da música, seu ou do Luank? Você tem alguma influência nisso?

04) Você investe na carreira dele? Como pagar aulas de canto, violão, gravações...

05) Qual é o seu maior sonho para a carreira do seu filho atualmente?

APÊNDICE D - PERGUNTAS PARA MARCOS QUEIROZ

01) Pelas suas postagens nas redes sociais, você admite gostar de sertanejo. De onde vem a sua relação com esse gênero?

02) Você tem alguma figura no sertanejo para classificar como ídolo ou ídola? O que te faz se identificar com essa pessoa?

03) Há poucas pesquisas sobre a falta de negros no sertanejo e esse assunto não é muito falado ou questionado. Qual a explicação para essa realidade passar tão batida?

04) E quando você percebe essa desigualdade racial no sertanejo?

05) A origem do sertanejo perpassa pela roça, pela pobreza, por pessoas negras, muito diferente da vida que os cantores sertanejos de sucesso atualmente levam. Por que quem originou esse gênero musical não tem espaço nos palcos hoje em dia?

06) Uma das minhas percepções sobre a desigualdade racial no sertanejo é que dos poucos exemplares de cantores negros do gênero, é comum que estejam apoiados a uma dupla branca (ex: Rick e Renner, João Paulo e Daniel) e não há cantores solos racializados. Você acredita que isso foi uma estratégia da indústria musical para conseguir vender o produto?

APÊNDICE E - PERGUNTAS PARA PATRÍCIA MEIRA

01) Quando começa e como é a sua relação com esse gênero musical?

02) Você tem alguma figura no sertanejo para classificar como ídolo ou ídola? O que te faz se identificar com essa pessoa?

03) Além dessa pessoa, quais são as suas referências do sertanejo?

04) Você precisou se adaptar ao gênero de alguma forma?

05) Como eram as suas produções, de gravar a música, divulgar? Você ganha dinheiro com isso?

06) Como é se inserir num meio predominantemente branco? Para você além do recorte de raça, tem o de gênero. Quais foram as dificuldades que você passou nessa trajetória?

07) Você já tinha uma noção desse recorte de raça no sertanejo? Como foi perceber isso?

08) Você pretende seguir na carreira musical? Qual o seu maior sonho?

09) O que você falaria para as mulheres negras que curtem sertanejo e que sonham ser cantoras?

APÊNDICE F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - ENRIQUE DE AMORIM (HATE RCT)



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional
coordenacao.noturno@fac.unb.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Enrique de Amorim Américo Ramos, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor Enrique de Amorim A. Ramos sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso da formanda Tailana Oliveira Galvão. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) Redes Sociais (IV); divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Assinatura

Tailana Oliveira Galvão

Enrique de A. A. Ramos

Assinatura

Entrevistado (a)

Brasília - DF, 30 de Janeiro de 2022

**APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - MAURO MOTA
E LUANK DIAS**



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional
coordenacao.noturno@fac.unb.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Mauro da mota barbosa, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor Luank Dias sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso da formanda Tailana Oliveira Galvão. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) Redes Sociais (IV); divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Assinatura

Tailana Oliveira Galvão

Assinatura

Entrevistado (a)

Brasília, 21 de DEZEMBRO de 2022

APÊNDICE H - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - MARCOS QUEIROZ



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional
coordenacao.noturno@fac.unb.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Marcos Vinícius Lustosa Queiroz, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso da formanda Tailana Oliveira Galvão. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) Redes Sociais (IV); divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Assinatura

Tailana Oliveira Galvão

Marcos Vinícius L. Queiroz

Assinatura

Entrevistado (a)

Brasília - DF, _____, 20 de _____ Dezembro _____ de 2022

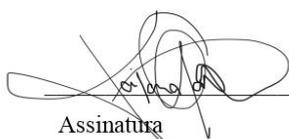
APÊNDICE I - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - PATRÍCIA MEIRA



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional
coordenacao.noturno@fac.unb.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Patrícia Pereira Meira, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso da formanda Tailana Oliveira Galvão. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) Redes Sociais (IV); divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.



Assinatura
Tailana Oliveira Galvão



Assinatura
Entrevistado (a)

São Paulo, 17 de janeiro de 2023